

Mundo



PELO 5º ANO SEGUIDO
Insegurança alimentar piora no mundo

Guerras, mudança climática e crise econômica agravam fome global, diz ONU



GIANNAMATO
Especial para O GLOBO
giannamato@globo.com.br

O presidente Marcelo Rebelo de Sousa admitiu, pela primeira vez, que Portugal tenha que pagar reparações pelos crimes cometidos no período colonial, incluindo a escravidão e o saque de bens dos povos colonizados. O chefe de Estado disse que o país "assume total responsabilidade" pelos erros do passado durante a comemoração do 25 de Abril, quando o país celebrou os 50 anos da Revolução dos Cravos, que pôs fim a quatro décadas de ditadura salazarista.

No ano passado, na mesma data, ele já havia ensaiado um pedido de desculpas no Parlamento, mas não chegou a concretizá-lo. Avançou mais um pouco agora ao falar de reparações, mas especialistas ouvidos por O GLOBO cobram medidas práticas e menos declarações.

—Temos que pagar os custos (pela escravidão). Háções que não foram punidas e os responsáveis não foram presos. Há bens que foram saqueados e não foram devolvidos. Vamos ver como podemos reparar isso — disse Sousa em um jantar oferecido por elites jornalistas estrangeiros em Lisboa, na noite de terça-feira.

'DEIXA MUITO A DESEJAR'

Para Ana Paula Costa, pesquisadora do Instituto Português de Relações Internacionais e vice-presidente da Casa do Brasil de Lisboa, o discurso vale como marco simbólico. Mas ela lamenta a oportunidade que Sousa perdeu de provocar mais o governo da Aliança Democrática, de centro-direita, apresentando uma sugestão, mesmo informal, de medida, que algum partido de oposição ou o governo pudessem transformar em projeto para ir à votação no Parlamento.

—O lado simbólico é ok, foi importante marcar no discurso. Mas ainda não conseguimos progredir para uma medida concreta. O lado prático deixa muito a desejar e não avançamos nada sem projeto efetivo. O presidente poderia ter provocado mais o governo com algo pronto que não fosse só discurso. Quero acreditar que se abra caminho, mas acho que não será neste governo minoritário e de direita. Ainda mais com 50 deputados

REPARAÇÕES PELO PASSADO COLONIAL

Presidente de Portugal admite pela 1ª vez que país 'tem que pagar os custos' por seus erros



Mesa culpa. O presidente Marcelo Rebelo de Sousa no Palácio da Ajuda em Lisboa: país "assume total responsabilidade" por seus crimes, disse o chefe de Estado

tados de ultradireita no Parlamento. Mas continuamos tentando — disse Costa.

Doutor em antropologia, professor da Universidade Howard, em Washington, e autor do livro "Human nature and delusions" ("Natureza humana e ilusões, sem tradução no Brasil), sobre colonialismo, racismo e eugenia, o português Rui Diogo defende que o colonialismo europeu matou, ao longo dos séculos, mais que o Holocausto. E lamenta que não tenha sido o governo a

fazer as declarações, uma vez que o presidente tem apenas poderes limitados.

—Marcelo Rebelo de Sousa está sendo mais direto agora. Mas se fosse o governo a falar, teria uma obrigação legal de fazer algo. Ao admitir, Portugal teria mesmo que pagar algo de volta — argumenta Diogo.

O antropólogo até observa o discurso do chefe de Estado português como uma tentativa de atrair atenção para o tema, mas de maneira vaga e que esbarra na persistência

que parte da sociedade tem para interpretar de maneira positiva o colonialismo e a Era das Descobertas.

—O presidente não tem poder institucional de fazer o que for. E não parece que o Partido Social Democrata (líder da AD) fará alguma coisa, porque é o contrário do que pensam — explicou Diogo.

ULTRADIREITA: 'VERGONHA'

Em uma publicação na rede social X (antigo Twitter), o partido de extrema direita Chega classificou a declara-

ção do chefe de Estado como "vergonha", afirmando que "se houvesse uma forma de destituir o presidente da República neste momento", o partido faria. O Chega ganhou força nos últimos anos com um forte discurso antiminimização e falas xenofóbicas recorrentes. Na última eleição, conquistou 50 cadeiras no Parlamento, consolidando-se como a terceira força política nacional.

Organizadora da coletânea de textos "Volta para a tua terra", a pesquisadora e

escritora Manuela Bezerra de Melo acredita que a declaração de Sousa aconteceu em boa hora. Mas cobra compromissos.

—Iniciativa urgente é mudar os livros escolares para outros que contem a verdade sobre a colonização, porque as crianças aprendem que os portugueses levaram a civilização para o mundo e que foram os bons colonizadores, o que é mentira. Também é necessário devolver os pertences históricos dos povos que foram roubados. Por fim, é urgente aprovar políticas públicas de reparação também para os imigrantes de ex-colônias que vieram viver em Portugal porque tiveram seus países devastados pela ação colonialista — disse Melo.

Portugal começou a debater a reparação de maneira mais objetiva no fim de 2022, quando o então governo do Partido Socialista (PS) prometeu fazer um inventário organizado por um conjunto de especialistas, que deveriam listar os bens culturais, obras de arte, objetos de culto e restos mortais em poder do país para começar a devolvê-los ao Brasil e a ex-colônias africanas. Questionado ontem pelo GLOBO, o Ministério da Cultura, responsável pela medida, não respondeu.

'DESCULPA DEVIDA'

Meses depois, no Parlamento durante a celebração do 25 de Abril em 2023, e na presença do presidente Luiz Inácio Lula da Silva, Sousa fez o primeiro discurso sobre a responsabilização e desculpa pelo passado colonialista de Portugal.

—Não é apenas pedir desculpa, dívida, sem dívida, por aquilo que fizemos, porque pedir desculpa é às vezes o que há de mais fácil, pede-se desculpa, vir-se às costas, e está cumprida a função. Não é assumir a responsabilidade para o futuro daquilo que de bom e de mau fomos no passado.

Na última terça-feira, voltou a falar em pedir perdão, mas sem pedir de maneira oficial, porque, segundo ele disse novamente, "pedir desculpas é a parte mais fácil".

Durante a fase colonial, cerca de 5,8 milhões de escravizados foram traficados por Portugal, quase metade dos 12,5 milhões sequestrados e levados da África por colonizadores europeus.

Sánchez ameaça renunciar após denúncia contra esposa

Premier da Espanha disse que investigação é um 'ataque sem precedentes'

Begoña Gómez, esposa do primeiro-ministro espanhol, Pedro Sánchez, tornou-se alvo de uma investigação por suposta corrupção e tráfico de influência ontem após um juiz de Madrid aceitar uma denúncia do grupo Mãos Limpas, autodenominado sindicato de funcionários públicos ligados à extrema direita e conhecido por empregar ações do tipo contra líderes de esquerda. Em resposta, o premier cancelou toda sua agenda pública pelos próximos dias e anunciou, em uma carta escrita de próprio punho,

que cogita renunciar devido ao "ataque sem precedentes" contra sua companheira.

—Preciso parar e refletir. Preciso responder urgentemente à questão de saber se vale a pena, se devo continuar à frente do governo ou renunciar a essa honra", escreveu Sánchez no texto, publicado em sua conta no X (ex-Twitter). Na carta, Sánchez ainda acusa o Partido Popular (PP) e Vox de tentarem prejudicar sua imagem nos últimos meses: "É uma operação de assédio (...) para tentar fazer com que eu perca minha vida política e pessoal atacando minha esposa".

Líderes da Vox e do PP cobraram explicações e acusaram o premier de "vitimização".

—Sánchez dedicou quatro páginas para escrever 14 vezes as palavras "direita" e "ultradireita", mas zero linha para dar uma explicação sobre as investigações — disse a secretária-geral do PP, Cuca Gamarrá. —Denunciamos o fato de que o primeiro-ministro está apostando na vitimização e na piedade em vez de responsabilidade e clareza.

De acordo com o diário El País, o primeiro-ministro se isolou com sua família no Palácio La Moncloa e não aceitou



falar com quase ninguém desde que a história veio à público. Segundo a queixa, Begoña Gómez favoreceu o empresário Carlos Barrabés com contratos da entidade pública Red.es, ligada ao Ministério da Economia. Gómez é codiretora do mestre em Transição Social Competitiva

da Universidade Complutense de Madrid, patrocinado por Barrabés. De acordo com o jornal El Confidencial, a consultoria do empresário conquistou contratos públicos em 2020 e 2021, junto com outra empresa parceira, após o apoio da esposa do premier espanhol à licitação.

Em 2021, o líder do Mãos Limpas, Miguel Bernad, foi condenado por extorsão contra instituições financeiras. Em seu site, o grupo afirma que sua função é "apresentar todos os tipos de reclamações contra corrupção política ou econômica que prejudique o interesse público ou geral".

Isolamento. Sánchez e sua esposa, Begoña Gómez, em evento em 2023: após investigação vir a público, premier espanhol se refugiou com a família no palácio e enviou ao caso uma carta de próprio punho